Crônicas de um rio: a paisagem de um imaginário coletivo e imagens de memória

Chronicles of a river: the landscape of a collective imaginary and
images of memory

Heloisa Preis Moraes, Mário Abel Bressan Júnior, Luzia Liene Bressan

Unisul, Unisul, Unibave

heloisapreis@hotmail.com, mario.bressan@unisul.br, luizalienebressan@gmail.com

Resumen

Tubarão, no estado de Santa Catarina, sul do Brasil, é uma cidade cortada por um rio que a divide em duas margens. Além de formar uma paisagem física, forma uma paisagem simbólica pregnante no imaginário social local especialmente pela tragédia de uma grande enchente no ano de 1974 que mobiliza o cotidiano das pessoas até os dias de hoje (Moraes e Máximo, 2016). Neste artigo, temos como objeto uma obra literária local em que buscamos seu sentido amplo através da recorrência de imagens presentes no imaginário e expressas nas narrativas. Como objeto de análise, apresentamos *Rio Tubarão: no curso da alma* (Mussi, 2015), composto por crônicas sobre o rio e, através da análise mitoestilística, com o levantamento de imagens pregnantes e recorrentes, buscamos discutir o que chamamos de a paisagem de um imaginário coletivo e imagens de memória. Assim, reforçamos os debates sobre imaginário e memória, especialmente em relação aos laços de pertencimento e identidade. Procuramos marcas que nos permitam identificar, na obra literária, uma paisagem imaginada que se coloca como arquivo coletivo na medida de suas recorrências. Acreditamos que o universo imaginário da obra, como uma produção local que expressa o cotidiano, vem ao encontro do próprio imaginário da coletividade, contribuindo para a sua potência de identificação.

Palavras-Chave: Crônicas; Imaginário; Memória; Rio Tubarão.

Abstract

Tubarão, in the state of Santa Catarina, southern Brazil, is a city cut by a river that divides it into two banks. In addition to forming a physical landscape, it forms a symbolic landscape impregnated in the local social imaginary especially by the tragedy of a great flood in the year 1974 that mobilizes the daily life of the people to the present (Moraes and Máximo, 2016). In this article, we have as object a local literary work in which we seek its broad meaning through the recurrence of images present in the imaginary and expressed in the narratives. As an object of analysis, we present *Rio Tubarão: in the course of the soul* (Mussi, 2015), composed of chronicles on the river and, through the mitosis analysis, with the collection of pregnant and recurrent images, we sought to discuss what we call the landscape of a collective imaginary and images of memory. Thus, we reinforce the debates about imagery and memory, especially in relation to the bonds of belonging and identity. We look for brands that allow us to identify, in the literary work, an imagined landscape that places itself as a collective archive in the measure of its recurrences. We believe that the imaginary universe of the work, as a local production that expresses the daily life, comes to the collective imagination itself, contributing to its power of identification.

Key words: Chronic; Imaginary; Memory; River Tubarão.

Recepción: 17.6.2019

Aceptación definitiva: 28.10.2019

Introdução

A base teórico-metodológica do Imaginário Social a partir de Bachelard, Durand e Maffesoli tem nos permitido, no Grupo de Pesquisas do Imaginário e Cotidiano, pensar esta relação que nomeia o grupo numa perspectiva local e regional. Temos procurado voltar nossos olhares e esforços de pesquisa para questões que são caras à identidade e ao pertencimento pelas práticas simbólicas que estruturam o cotidiano. Somados a estes esforços, vem o Grupo de Pesquisas Memória, Afetos e Redes Convergentes dando início a uma parceria na inter-relação dos estudos do Imaginário e Memória.

Todo mês de março a cidade de Tubarão, sul de Santa Catarina, Brasil, **comemora** o aniversário da grande enchente de 1974. O ato de celebrar mostra/relembra o enfrentamento e vitória de uma comunidade frente à mãe natureza. Tuba-nharô, pai feroz em tupi-guarani, cacique que daria nome à cidade e ao rio que a corta, tem presença central nesta narrativa de comunidade imaginada: aquela que se ergue depois do desastre e não se deixa sucumbir. Para uma ameaça do semblante do tempo, atitudes imaginativas e atos heroicos. A grande enchente, como nos revela Máximo (2017), marca o imaginário local e é imagem de uma identidade.

É deste imaginário, do rio que marca coletividade local, que tratamos neste artigo. As imagens potencialmente vivas (e vivificadas) têm uma força semântica no imaginário local: pai feroz, semblante do tempo, mãe natureza e o heroísmo do enfrentamento, bem como o rio como imagem presente na memória e trazida à tona por mecanismos de rememoração. A imagem do rio é o que nos motiva a discutir uma paisagem imaginada, por vínculo e pertencimento, e, nesta pesquisa, expresso via Literatura.

Interessante percebermos que a Enchente de 1974 ocorrida na cidade de Tubarão, Santa Catarina, é mitema recorrente e funciona como uma religião, tal como apontada acima pelos autores, e que garante o pertencimento a esta comunidade imaginada. Na cidade, comemora-se o aniversário da enchente, o que quer dizer, em última instância, a conquista frente à tragédia (Moraes e Máximo, 2016: 185).

O ser humano e sua capacidade (e necessidade) de construir sentidos nos permite, tal como propõe Cassirer (1994), enfatizar que todo conhecimento e a relação do homem com o mundo, com o outro e consigo mesmo se dá por meio de formas simbólicas. Daí porque o autor atribui o termo *homo symbolicum*. O dinamismo organizador da antropologia do imaginário está fundado no conceito de trajeto antropológico: “incessante troca que existe ao nível do imaginário entre as pulsões subjetivas e assimiladoras e as intimações objetivas que emanam do meio cósmico e social” (Durand, 2012: 41). Logo, nesta perspectiva do imaginário, não há prevalência entre um dos polos, seja subjetivo ou sociocultural: são comunicantes, reversíveis e mediados por um processo de simbolização. Temos os arquétipos, entendidos como “prontidões potencialmente vivas, formas que, embora inconscientes, não são, por isso, menos ativas e, geralmente, moldam de antemão e instintivamente o pensar e o sentir humano” (Peres, 2014: 17); e o meio social que vai preenchendo de sentido essas prontidões.

Assim, o imaginário tem uma função de mediação do homem com o mundo, organizadora da vida e fator de marcas de homogeneidade na representação. “As relações sociais, suas manifestações, artefatos e processos, são causa e efeito de dimensões imaginárias” (Moraes e Máximo, 2016: 182). Logo, podemos corroborar que, para além de uma mera representação imagética, o imaginário é uma atmosfera, arquetipal, atemporal e coletiva, que nutre o universo simbólico e mental dos indivíduos, estabelecendo vínculos” (Moraes e Máximo, 2016: 182).

O imaginário se expressa em sistemas e práticas simbólicas sobre os quais buscamos refletir e as perspectivas da antropologia e da sociologia do imaginário têm se configurado como uma razão sensível (Maffesoli, 1996), teórica e metodológica, para as nossas questões de pesquisa, necessidade sentida quando tratamos dos estudos de linguagem e cultura (Moraes, 2016). A “cumplicidade das comunidades imaginadas (e imaginais) se consolidam pela linguagem, por intermédio de trajetos antropológicos, que perpassam o tempo, em espaços discursivos repletos de narrativas que historicizam cada processo de significação” (Moraes e Máximo, 2016: 182).

Neste curso, o símbolo aparece como categoria fundamental para a discussão da forma como as pessoas e comunidades se veem e se colocam. “O símbolo é o modo humano de articular a realidade, fruto de uma relação tensa de ruptura e união do homem com seu mundo que se lhe abre uma compreensão numinosa da realidade” (Mardones, 2006: 91). Por meio da análise das imagens expressadas, entendemos o corpo coletivo e sua forma, pois o símbolo “é um raio iluminador que abre ou desperta um sentido e desvela um significado profundo do mundo, da vida, da existência. É um conhecer que revela; um descobrir acesso ao coração palpitante da realidade; desperta e ilumina nossa existência” (Mardones, 2006: 92).

Os símbolos podem ser imaginados, expressos, criados, apropriados, mas, de toda forma é por meio deles que as sociedades se comunicam, criam vínculos de pertencimento e, até, de exclusão. O valor de uma imagem se mede pela extensão de sua aura imaginária (Pitta, 2005), logo, criar esta aura, é dar força e potência ao símbolo. As relações humanas são direcionadas por afinidades, identificações, empatias, as quais somente se expressam a partir do momento em que o indivíduo se associa às comunidades sociais, cria laços, estabelece vínculos de pertencimento e identificação.

As imagens, os símbolos, os mitos, não são criações irresponsáveis da psiqué; elas respondem a uma necessidade e preenchem uma função: revelar as mais secretas modalidades do ser. Os símbolos podem revelar muito da identidade local de dado lugar. É aqui que justificamos a análise de narrativas em crônicas de vários autores em função dos símbolos de identidade: pois muito de sua formação imaginal sobre seu passado e seu devir, a identidade local, pode ser expressa nas narrativas.

O símbolo revela certos aspectos da realidade: os mais profundos, que desafiam qualquer outro meio de conhecimento. Assim, alertamos sobre a importância do registro a respeito de suas origens e a possibilidade de sua manutenção e continuidade para as gerações futuras, para que

a cultura e a identidade da região não se perca ao longo do tempo (e gere outras questões simbólicas, como a preservação do rio). A Literatura aparece, pois, como um arquivo de imagens e memórias, formando uma paisagem imaginada e de partilha imaginal. Nas palavras de Silva (2017: 120), o singular no coletivo, tornado plural, pois “o imaginário é um discurso que articula nós de enunciação: o nós como pessoa da narrativa e os nós das amarrações cotidianas”. A estrutura emocional do imaginário fundamenta-se nos sentimentos comuns, partilhados, já que “o microcosmo humano é assim compreendido como estando aninhado no macrocosmo em seu todo” (Maffesoli, 1996: 105).

Diante do exposto, buscamos, neste artigo, analisar o livro *Rio Tubarão: no curso d’ alma* (Mussi, 2015), composto por crônicas sobre o rio e, pelas imagens pregnantes e recorrentes, discutir o que chamamos de a paisagem de um imaginário coletivo e imagens de memória. Assim, reforçamos os debates sobre imaginário e memória, especialmente em relação aos laços de pertencimento e identidade. Amparados pela mitoestilística (Godinho, 2003), procuramos marcas que nos permitam identificar, na obra literária, uma paisagem coletiva e imaginada que se coloca como arquivo coletivo na medida de suas recorrências. Ao se compreender as sensibilidades das crônicas nos aproximamos da ambiência da aura imaginária que percorre os textos. A simbolização e a força de sua recorrência, a serem verificadas no conjunto das crônicas sobre o rio, são uma forma de representação da sua unidade de uma forma sensível. Os ritos, do passado ou do presente, devem ser interpretados simbolicamente já que “nenhuma sociedade se pode estabelecer e subsistir se não se construir enquanto comunidade simbólica” (Sironneau, 2003: 221).

Perante esta coletividade, utilizamos para esta investigação o conceito de memória coletiva de Halbwachs (2003). Para o autor, por mais individual que possam ser nossas memórias, há sempre um elo coletivo que demarca uma recordação. São os testemunhos orais e visuais que formam e também rememoram nossas memórias.

É diante do corpo social de valores, crenças, instituições e rituais que a memória é acordada, segundo Huyssen (2000). Exemplos são o memoriais, os monumentos e os museus. Obras públicas para desfazer o esquecimento perante ao público. Através das reminiscências, podemos nos ligar ao passado e a forma como recordamos define como estamos no presente e o imaginário instituído. “Como indivíduos e sociedades, precisamos do passado para construir e ancorar identidades e alimentar uma visão do futuro” (Huyssen, 2000: 67).

A escrita literária auxilia na constituição de uma recordação, como também traz de volta um tempo, um período e um fato de tempos atrás. Com o texto, especificamente com a obra estudada, *Rio Tubarão: no curso da alma* (Mussi, 2015), estamos diante de elementos que impulsionam nossos olhares sobre o imaginário local e a formação coletiva de uma memória.

Sentidos partilhados: a paisagem de um imaginário coletivo

Pela teoria do Imaginário, desenvolvida por Durand, este é um conjunto de imagens e de suas relações que constitui o capital do homo sapiens (Durand, 2012). Mello (2002: 11) afirma que “a leitura do imaginário parte de uma hermenêutica das imagens, dos símbolos e dos mitos de uma obra para a compreensão do imaginário de um autor, de uma cultura, de uma época”. Vemos, então, que as imagens estão em relação com a nossa forma de ser/estar no mundo e, ao buscar seus sentidos, entendemos a própria ética da estética de um grupo, cultura ou época. Por ética da estética entendemos, a partir de Maffesoli (2007: 12): “é fato que o ético, fundamento do vínculo social, depende estruturalmente do estético: é essa capacidade de experimentar emoções, compartilhá-las, transformá-las em cimento de toda a sociedade”.

Y. Durand (1988:15) contribui com a discussão aqui proposta, definindo que “o imaginário recobre a totalidade do campo antropológico da imagem que se estende indistintamente do inconsciente ao consciente, do sonho e da fantasia ao construído e pensado, em resumo, do irracional para o racional”. Por este viés, o imaginário é o mediador, pois por meio dele o sentido pode se manifestar e se realizar. É a ponte que permite a travessia da inconsciência para a consciência, do passado para o futuro, complementando e totalizando essas passagens. “A imagem é semente e nos faz criar aquilo que vemos” (Durand, 1988: 15).

Logo, trabalhar com a teoria do imaginário é também repensar de que maneira a sociedade, a cultura e o ser humano estão imbricados em trocas incessantes a que Durand (2012) nomeou como trajeto antropológico. Essas trocas entre os pólos subjetivo e sociocultural objetivam dar sentido ao mundo, faculdade que é própria do ser humano. E para criar significado o homem coloca em atividade uma de suas funções mentais: a imaginação. No sentido durandiano, está conectada ao real e não a uma realidade concreta, conforme comentam Laplantine e Trindade (1987: 80):

O imaginário possui compromisso com o real e não com a realidade. A realidade consiste nas coisas, na natureza e em si mesmo o real é a interpretação que os homens atribuem as coisas e a natureza seria, portanto, a participação ou a intenção com as quais os homens de maneira subjetiva ou objetiva se relacionam com a realidade, atribuindo-lhe significado. Se o imaginário recria e reordena a realidade, encontra-se no campo da interpretação e da representação, ou seja, do real.

Por este viés, o imaginário não tem compromisso com a realidade concreta, mas com as atribuições de sentidos que grupos inseridos numa determinada realidade atribuem às imagens. Ao estudar o imaginário, Durand (2012) fez uma pesquisa extensa da produção cultural humana, especialmente das imagens que emergem das narrativas mitológicas, das religiões e das grandes obras literárias e artísticas.

Durand comenta que “[...] o imaginário não só se manifestou como atividade que transforma o mundo - imaginação criadora -, mas, sobretudo como transformação eufêmica do mundo, como *intellectus sanctus*, como ordenança do ser às ordens do melhor” (Durand, 2012: 432). Completa dizendo que o imaginário é um motor repositório, uma espécie de “bacia semântica”,

local em que as imagens podem se multiplicar. Nesse sentido, a ideia de imaginário é, para ele, complexa e desafiadora.

É este desafio que nos faz querer compreender a ética da estética de uma localidade através do que sua gente escreve sobre ela. Para Ficino (apud Scandiucci e Freitas, 2015: 47), “ cada coisa possui fascinação, provoca *aisthesis*, motiva”. Buscamos identificar na obra literária local esta aura coletiva que tem o rio como principal imagem. O comum acaba sendo narrado poeticamente quando o sentimento de pertença pede uma estética que colabore/toque a alma, destacada, inclusive, no subtítulo do livro.

Não há como transitar pela cidade de Tubarão sem cruzar o rio. Quatro pontes para passagem de automóveis e uma ponte pênsil para pedestres facilitam o fluxo entre as duas margens. Ou seja, o rio que corta a cidade em duas metades é imagem de união, pertencimento e vínculo da socialidade. Nossa intenção é perceber as recorrências presentes nas narrativas que reforcem esta paisagem imaginada.

A cidade é local das relações em que fenômenos e práticas do urbano podem ser percebidos a partir de narrativas do imaginário. Ao pensar no local, o narrador revê as coisas em si, mas, especialmente, o sentido que as forma. E, a partir daí, podemos perceber que tipo de relação estabelece com o lugar. Os símbolos trazem a cidade à memória e estabelecem vínculo de pertencimento.

Nogueira (1998) cita Reckert para quem o “imaginário da cidade é um conjunto de imagens que a significam, ou que ela por sua vez significa”. Esta afirmação parece-nos ser chave na medida em que nos propomos a pensar, a partir do imaginário geral da obra pelas imagens recorrentes nas crônicas, qual a paisagem cultural e imaginada e seus sentidos pulsantes sendo o Rio a imagem chave. Se, tal como enfatiza a autora (Nogueira, 1998: s.p.), “a imagem urbana está carregada de emoções e visões de mundo”, sendo “cenário e personagem de vivências e situações, é paisagem e abrigo”, buscamos entender, pelo imaginário, onde estão os pontos de figuração (de intimidade, aconchego e acolhimento, como se concebe, simbolicamente, o pertencimento). A construção simbólica das formas de expressão parece nos levar a uma matriz imaginária ligada aos consumo e ao lazer. A cidade que se mostra, interpela e provoca estas sensações. Aí o conceito de trajeto antropológico já apresentado: a relação entre as imagens íntimas e as que emanam do contexto sociocultural, pois precisamos entender que os espaços urbanos suscitam diferentes apropriações. O homem está em constante de criação (que passa pela simbolização) e formas diferentes de integração do/com o seu grupo.

Corroborando com o conceito acima apresentado, Cachinho (2006: 33), ao pensar a condição do indivíduo na sociedade pós-moderna, destaca três ideias centrais: a metrópole contemporânea se caracteriza como um centro de consumo; os consumidores se tornam, simultaneamente, espectadores e atores e; o fluxo é intenso, mas o indivíduo nutre especial

empatia pelos centros comerciais que “criam a ambiente ideal para a comunicação tribal, o espetáculo e a representação”.

Assim, o que percebemos no ensaio de Cachinho (2006), é que o panorama físico da cidade é colocado em relação às vivências, práticas e experiências urbanas, atualmente bastante ligadas ao consumo. A relação dos indivíduos-consumidores com os espaços comerciais gera experiência estética e produz espetáculos. O texto torna-se muito relevante aos estudos do imaginário, apesar de não se assumir teórica e metodologicamente na perspectiva, na medida em que a cidade é colocada não mais como um conjunto material, especialmente arquitetônico, mas uma complexidade de palcos, atores, imagens e práticas. Dessa forma, o imaginário urbano é tecido em um espaço de fluxos contínuos de relações de poder e de tolerância, de modificações culturais locais e inseridas em um quadro sócio-político, que nem sempre comporta o espaço físico. Neste sentido, Silva (2001) comenta que cidade pode ser definida como a imagem de um mundo vivido, que está sempre se construindo e reconstruindo, pelos acontecimentos cotidianos e coletivos dos sujeitos que nela habitam.

É nessa perspectiva que estamos apresentando o conceito de paisagem e relacionando-o com o imaginário coletivo: experiência partilhada e construção social. Para além da contemplação, uma vivência. Isso nos dá uma amplitude complexa de significados que gera imagens e representações. Em nosso caso, apresentamos o rio como uma paisagem no imaginário coletivo por sua força semântica em função das experiências compartilhadas que geram identidade à comunidade tubaronense. Uma comunidade geográfica e simbólica. Suguimoto, Sandeville e Queiroga (2015) reforçam a escolha da paisagem como uma categoria de análise pela sua dimensão sensível e simbólica. Neste contexto que Maffesoli (2001) defende que opera o imaginário, em “uma dimensão ambiental, uma matriz, uma atmosfera, aquilo que Walter Benjamin chama de aura. O imaginário é uma força social de ordem espiritual, uma construção mental”.

Nossa missão enquanto investigadores de imaginários é buscar o sentido das coisas, em um exercício de interpretar as criações, transmissões, apropriações e sentidos que ganham força coletivamente. Os processos simbólicos fazem parte do fenômeno cultural e são colocados em cena no nosso cotidiano. Marcam não só nossas lembranças, mas a relação que temos com o mundo, com os outros e conosco mesmo. É por isso que nossos objetos acabam, por relação, formando paisagens culturais.

O intercâmbio muito intenso entre essas pessoas que, portanto, criam, transmitem, comunicam, se apropriam, interpretam e que vão fazer tudo isso, num determinado lugar, numa determinada paisagem onde o intercâmbio entre essas pessoas e o entorno é, senão determinante, quase determinantes. Porque é esse entorno que vai dar, inclusive, sinais desses sentidos (Ferreira-Santos e Almeida, 2012: 15).

Buscamos neste cruzamento entre formas sensíveis de expressão do imaginário e marcas de identificação e pertencimento a uma comunidade local, tendo o Rio como uma imagem pregnante e recorrente. Pois, “seja a imagem que se forma em nossa imaginação e será

constelada com outros conjuntos de imagens em nosso imaginário; a imagem possui o atributo básico de mobilizar nossos afetos, memória, percepções, nos exigindo formas de acompanhar seu movimento” (Ferreira-Santos e Almeida, 2012: 31). A obra analisada aparece como um suporte de divulgação dessas imagens, passadas, presentes e futuras, além de se colocar como registro e arquivo destas próprias imagens que estão na obra, mas a extrapolam. Estamos em busca deste movimento de sentidos.

Imagens da memória em crônicas

A Literatura materializa a vida simbólica. No imaginário durandiano, há uma relação dialética entre a constituição psíquica, a cultura e o meio cósmico na estruturação do pensamento humano e suas manifestações simbólicas. Já a literatura, nos ensina Candido (2008), desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante, mobilizando as imagens que orbitam no imaginário social.

Assim, estudar imaginário e literatura implica imergir no conteúdo essencial de cada obra literária, trilhando suas estradas, acendendo luzes sobre discursos, iluminando seus significados que subjazem nas entrelinhas do dizer e do não dizer. Desta forma, a literatura (re) cria imagens num jogo simbólico que constrói o imaginário.

Assim como o imaginário é um produto mental, os escritos literários também emanam deste esforço de materializar o que, em todos os tempos, é uma particularidade humana: narrar esta produção do imaginário que age no universo da mesma forma que o universo age sobre ele. É necessário considerar, também, que a teoria do imaginário não é redutível, antes disso, propõe-se a uma abrangência que integra um olhar multiperspéctico, entrelaçando e diversificando a rede de maneiras de ver e olhar o mundo, não apenas a natureza do ser humano, mas também sua cultura e sua história de ser e estar no mundo e suas formas de expressão.

Corroboramos com este olhar Guarnieri (2014: 158) ao dizer que:

Imagens do espírito representadas em obras de arte como a literatura são precisamente aquelas que, junto com a memória, não se apresentam de imediato, no concreto, mas antes são imaginadas pela criação poética. A rigor o concreto das obras literárias é só o papel e a tinta, porém o que vale são as palavras com as quais são construídos personagens e situações imaginárias. Apesar de imaginárias, lançam luz no mundo de relações reais. Ambas, ciência e literatura são linguagens, portanto representações. A segunda, porém, é linguagem no mais alto grau, porque linguagem simbólica, que lança luz e calor no entendimento do cotidiano.

O texto literário é, por excelência, lugar de imagens e de imaginários. Suas características transdisciplinares, polissêmicas e plurissignificativas se constituem como lugares de criação atemporais fundamentadas no efeito estético.

Se a pensarmos como elemento inserido em uma coletividade, analisamos a literatura como um dos “lugares” de revisitação (Halbwachs, 2003) que contribui para a manutenção de memórias e evocações afetivas sobre o tempo e o passado, mobilizadoras de imaginários. A arte também

está diante de um contexto social. Mesmo em uma leitura individualizada, o texto traz para o leitor lembranças do que viveu ou testemunhos de grupos do qual pertence. É um dos organismos que pode deixar viva as memórias de uma localidade e uma cultura. Para Candido (2008) é pulsante e interfere no cotidiano de quem a lê.

A literatura é, pois, um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estas a vivem decifrando-a, aceitando-a, deformando-a. A obra não é produto fixo unívoco ante qualquer público; nem este é passivo, homogêneo, registrando uniformemente o seu efeito. São dois termos que atuam um sobre o outro, e aos quais se junta o autor, termo inicial desse processo de circulação literária, para configurar a realidade da literatura atuando no tempo (Candido, 2008: 84).

Halbwachs (2003) descreve que nunca estamos sozinhos, mesmo em situações ou em eventos particulares, por isso, nossas memórias são coletivas. Há sempre um “outro” que participa ou evoca uma lembrança. A obra literária pode funcionar como dispositivo de rememoração a medida em que há uma presença coletiva de outras pessoas e fatores com o leitor. O leitor, mesmo isolado, sente que não está só. Há diante dele (perto ou longe) pessoas que fazem parte do seu dia a dia. Em se tratando de uma obra que fala de uma paisagem do imaginário coletivo e local, torna-se muito pertinente e pertencente.

O mesmo acontece com o texto. Diante da narrativa evocações surgem e reconfiguram lembranças ao leitor. Para Halbwachs (2003: 30), “não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem”.

Não necessariamente a presença física de alguém ou de um objeto é essencial para demarcar um efeito recordativo, pois, “para confirmar ou recordar uma lembrança, não são necessários testemunhos no sentido literal da palavra, ou seja, indivíduos presentes sob uma forma material e sensível” (Halbwachs, 2003: 31). Por isso, uma atuação coletiva sobrepuja uma presença física e demais formatos do “estar junto”.

As memórias também podem ser constituídas por tabela, conforme explica Pollak (1992: 201). Para o autor, a ocorrência de fatos no cotidiano do indivíduo irá formalizar uma memória individual, ao mesmo tempo em que os “vividos por tabela” formalizam os acontecimentos suscitados pelo imaginário e pelos grupos a que as pessoas estão inseridas.

São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. Se formos mais longe, a esses acontecimentos vividos por tabela vêm se juntar todos os eventos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou de um grupo. É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada. (Pollak, 1992: 201)

As histórias que são contadas e narradas por pessoas e em livros nos dão indícios dessa memória herdada e vivida por tabela conforme observa Pollak (1992). Na literatura, muitas vezes, somos submetidos a fatos que não vivenciamos, mas que está ali, em nosso consciente

coletivo, pertencente a um imaginário, evocado pelas histórias lidas ou contadas, ouvidas ou sentidas, ainda, talvez, imaginadas.

Para Pollak (1992), estamos constantemente diante de personagens e lugares que oportunizam reencontrar o passado. Os personagens podem ser encontrados no dia-a-dia, vistos também por tabelas e os que não pertencem necessariamente ao espaço-tempo do indivíduo. Na ordem dos grupos de referências (Halbwachs, 2003), amigos e familiares estariam classificados como os do cotidiano. Um parente pode fazer uma ação e evocar uma lembrança. Os identificados por tabela e os que não fazem parte do mesmo tempo e espaço podem ser as pessoas e figuras que vimos em livros, na televisão, ou que encontramos nas ruas. De certa forma, concordamos que são mecanismos que possibilitam lembranças de algo e, ao partilhar imagens de memória criam laços sociais e de identificação.

Assim como os lugares, que para Halbwachs (2003) evocam recordações e atuam como testemunho de um fato recordado, na perspectiva de Pollak (1992) isso ocorre porque há espaços em que estamos diretamente ligados e por isso trazem lembranças. Tanto pessoal, quanto coletivo, um passeio, uma leitura, uma visita, ligada a uma localidade que possa trazer de volta uma memória, é pontuado por ele como um ambiente propício para anamnese.

A literatura interfere neste processo ao entregar para o leitor, em alguns momentos, memórias externas que ficaram no imaginário social e/ou foram criadas na coletividade por “tabela”. Os sujeitos podem partilhar de momentos comuns ao ler um livro, visitar uma cidade em que ele conheceu com familiares. Haverá sempre elementos que auxiliarão na composição de lembranças e dispositivos para recordar algo. Escutar uma música, ler, viajar, sair para conversar, muitos podem ser os efeitos rememorativos em virtude destas ações. As imagens vêm à tona, num misto de memória e imaginação, ambos dispositivos do imaginário.

Não basta que eu tenha assistido ou participado de uma cena em que havia outros espectadores ou atores para que, mais tarde, quando estes a evocarem à minha frente, quando reconstituírem cada pedaço de sua imagem em meu espírito, esta composição artificial subitamente se anime e assuma figura de coisa viva, e a imagem se transforme em lembrança. (Halbwachs, 2003: 32)

Nestes casos, segundo o autor, consistem em elementos que ajudam a recordar e, para melhor lembrar. Isso é bastante comum, no sentido de que, durante as nossas vidas, episódios acontecem. Porém, depois de algum tempo, não lembramos mais. As recordações ocorrem em função dos testemunhos de outros e das materialidades presentes no cotidiano. São os testemunhos discursivos, tanto imagéticos, quanto falados e escritos, que impulsionam o retorno de nossas memórias. Para Halbwachs (2003), estamos diante de vários testemunhos e renovamos constantemente nossas reminiscências. A literatura pode ser um deles.

Outra característica do texto literário é ter uma função ligada à sua complexidade, por ser obra do caráter humano, dando vazão a sentimentos simbolicamente expressos. O leitor torna-se capaz de ordenar pensamentos e sentimentos e, como consequência, torna-se mais capaz de organizar a sua visão do mundo. Isso se dá, pois:

[...] a organização da palavra comunica-se ao espírito e o leva, primeiro, a se organizar; em seguida, a organizar o mundo. Isto ocorre desde as formas mais simples, como a quadrinha, o provérbio, a história de bichos, que sintetizam a experiência e a reduzem a sugestão, norma, conselho ou simples espetáculo mental. (Candido, 2011: 177).

Nesse aspecto, o leitor libera sua própria imaginação, vivenciando aquilo que o texto sugere e elaborando imagens que vão formando constelações de significado que constroem teias de relações, ressignificando o texto e reatualizando-o de forma constante.

Se, tal como proposto por Thomas (apud Godinho, 2003: 141), o imaginário “é uma rede onde o sentido está em relação”, buscamos identificá-lo e, em última análise, relacionar a conexão da obra literária, pelo seu estilo, à ambiência social, colocando-a como uma paisagem imaginada de vínculo através das imagens pregnantes e recorrentes identificadas. Pois,

a arte é [...] um sistema simbólico de interação humana, ela pressupõe o jogo permanente das relações entre os três (autor, texto e leitor), que formam uma tríade indissolúvel. O público dá sentido e realidade à obra, e sem ele o autor não se realiza, pois ele é de certo modo o espelho que reflete a sua imagem enquanto criador. [...] A obra, por sua vez, vincula o autor ao público, pois o interesse deste é inicialmente por ela, só se estendendo à personalidade do autor depois de estabelecido aquele contacto indispensável. [...] O autor, do seu lado, é intermediário entre a obra, que criou, e o público a que se dirige; é o agente que desencadeia uma série interativa: obra-autor-público. (Candido, 2008: 48)

Esta relação interativa vai desencadear imaginários, já que, conforme Durand (2012), o imaginário também se manifesta pela criatividade, por valores fundamentais e aberturas, pois ele (imaginário) pode ser um dos aspectos da vida social e humana por meio do qual se pode criar e recriar uma imagem de homem e de sociedade mais unificadora, mais humana.

Dessa forma, a proposta desta pesquisa é estudar um imaginário e suas imagens de memória a partir da simbologia de um rio que corta uma cidade e que acarreta em seus moradores a ideia de pertencimento. Buscando os sentidos sobre a maneira de pensar e interpretar do homem pelas imagens suscitadas por este rio e que, conforme o olhar, o tempo e o espaço das mudanças das imagens que imaginário percorre, vão aparecendo diferentes formas de expressá-lo. “Um rio tem histórias para contar e verdades que não pode ocultar. Um rio que reúne uma população inteira em seu entorno é o mesmo que é capaz de gerar um valor simbólico, um sentimento de pertença” (Souza, 2006: s.p.).

As vivências que formam a paisagem do imaginário coletivo faz o trajeto entre passado, presente e futuro. As experiências partilhadas tratam de memórias, cotidiano e imaginação, sem que haja uma fronteira declarada para a simbolização de cada um desses momentos. Imagens passadas, presentes e futuras formam esta paisagem.

A paisagem imaginada pelo curso de um rio

Nosso objeto de análise, como já nos referimos, é a obra *Rio Tubarão: no curso d’alma* (Mussi, 2015), uma obra composta por 2 poemas e 34 textos em prosa, em forma de crônicas. Estes em

prosa comporão o corpus da análise. Na sua apresentação, Mussi (2015, s.p) traz as palavras de Vivian Mara Silva Garcia no lançamento do então projeto na Academia Tubaronense de Letras:

lançar um livro com o tema do Rio Tubarão visto por aqueles que habitam suas margens, seu entorno, que cresceram na expectativa de suas cheias, que conhecem sua história ou têm lembranças das histórias e casos que ouviram; e também dos “estrangeiros” que passaram a conviver com esse imaginário envolvente, além da beleza exuberante e concreta de suas margens.

Partimos do pressuposto que a imaginação que se expressa nas crônicas, tal como nos alerta Wunenburger (apud Godinho, 2003), giram em torno de um isomorfismo dentre o conjunto de imagens presentes no imaginário, permitindo um sentimento estético. “Quando um elemento estético, em si banal, do cotidiano é transformado em imagem, isso deve-se ao suplemento de sentido que depende de todo o jogo sistêmico da globalidade da obra” (Godinho, 2003: 145).

Há um universo imaginário que sustenta uma obra que atualiza a sistematicidade a que Godinho (2003) chama mitoestilo. Em busca deste que estamos nos debruçando à análise da obra.

Enquanto a mitocrítica durandiana procura encontrar o mito ou mitos condutores que remetem a obra para discursificações do imaginário consagradas (mitos do herói, da alternância cíclica, etc.) e que integram a obra na memória do imaginário cultural que a antecedeu, a mitoestilística procura, pelo contrário, ver como esse imaginário se particularizou num corpo de significação vivo e pessoal. (Godinho, 2003: 146)

Então, buscar “o geral no imaginário no texto em causa” é a proposta da mitoestilística (Godinho, 2003:142), pois nos permite verificar o “arranjo de imagens que constroem a significação de uma obra”. Isso se faz através do “levantamento das imagens mais pregnantes e recorrentes de uma obra e ver como as suas repetições isomórficas criam consistências sistemáticas que dão uma forma que vivifica a matéria imaginária” (Godinho, 2003: 147) o qual passaremos a apresentar agora.

Fazendo um levantamento, podemos perceber que as narrativas apresentam duas constelações de imagens: positiva - ligada à memória e pulsante de um saudosismo de “bons tempos vividos” e negativa – relacionada à memória da enchente e à ferocidade do rio, e uma imagem presente da poluição que causa desolação e tristeza. Ao discutirmos a análise, apresentamos exemplos de recortes nas narrativas identificando-as por C, de crônica e um número correspondente.¹

Quanto à constelação positiva ligada à memória, temos imagens recorrentes: lembrança da infância, banhos e brincadeiras na água, lavadeiras à beira do rio, paisagem, sombra às margens, travessia de balsa e pequenas embarcações, pescarias, reflexo do céu e dístico “cidade azul”, ponte de arame, caminhadas, encontros românticos, fauna e flora, água potável, cartão postal, recordações, canoas de troncos, tradições, barulho da correnteza, brisa suave, cantar dos pássaros. As passagens se repetem, ganham pregnância como força viva das narrativas, especialmente por unirem uma força imaginal em torno de sentimentos. Essas imagens, presentes em inúmeras passagens, ligam-se a sentimentos gerais como saudosismo,

¹ Ao final do artigo, após as Referências, trazemos a lista das crônicas com seus títulos e autores.

encantamento, nostalgia, deleite. A volta ao passado, ao retratar a infância, se sucede: *“é a voz das águas de minha infância”* (C1), *“sensações de encantamento, de alegria e de saudade”* (C4), *“guardo dela apenas boas lembranças”* (C11), *“era um verde tão verde”* (C13), *“Tubarão não é qualquer rio, mas é aquele que banha minhas recordações, corta o meu destino, cruza os momentos inesquecíveis da minha vida, margeia meu caminho e atravessa minha história”* (C15), *“Tubarão se descobriu pela água”* (C18), *“cenas inesquecíveis”* (C24), *“divertimentos juvenis”* (C24), *“beleza cristalina”* (C24), *“se confunde com a minha infância”* (C26), *“o rio irradia beleza e nostalgia”* (C26), *“bons tempos”* (C27), *“para sentir a emoção de realizar a travessia”* (C27).

Alguns títulos das crônicas já nos dão pistas de que esta ligação com um passado é a força imaginária da obra: *“Águas da infância”* (C1), *“Minhas alegres lembranças da enchente de 1974”* (C11), *“Minha história com o Rio Tubarão”* (C15), *“Saudades do Rio da minha infância”* (C16), *“Os trampolins do Rio Tubarão”* (C24), *“O rio da minha infância”* (C33). Percebemos um olhar afetivo sobre os títulos destas crônicas. Há uma memória que é prazerosa, faz bem e impulsiona um sentimento de nostalgia, de um tempo que não volta mais. É possível ver as manifestações de carinho ao lugar revisitado com estes títulos. São quadros reconstruídos por textos narrativos, expressos com o intuito para novas recordações, a partir de quem lê.

As crônicas reforçam essa constelação positiva em relação ao passado. As imagens de memória tem um tom de encantamento, sendo que os autores, cada um à sua maneira e estilo, por muitas vezes narram cenas semelhantes do que era a relação cotidiana com o rio.

O conjunto de crônicas traz o rio como um elemento desencadeador destes sentimentos, de rememoração do passado que ficou para trás. Há uma memória afetiva que se manifesta pela localidade, por um pertencimento identitário do sujeito. Só há afetos nestas lembranças porque outras pessoas faziam parte. Por isso, a coletividade é tão importante para constituição das memórias. Através dela é que mantemos esse elo com o passado. Halbwachs (2003) justifica que nunca estamos sozinhos, sempre há alguém ou um elemento que perfaz nossas recordações. Isso acontece, por exemplo, de acordo com Halbwachs (2003), quando voltamos a algum lugar tempos depois. O que é visto ajuda-nos a reconstruir um quadro de lembranças adaptado às nossas percepções do presente.

A constelação negativa está relacionada à memória da enchente e à ferocidade do rio, e uma imagem presente da poluição que causa desolação e tristeza. São marcas da presença a enchente: *“face traiçoeira”* (C4), *“turbilhão de imagens em mentes e corações”* (C4), *“março de 1974”* (C4, C18, C29), *“barulho e angústia”* (C4), *“relembrar a desgraça”* (C5), *“o drama vivido”* (C5), *“o rio era selvagem e feroz”* (C8), *“vínculo com a nossa dor, nem reverência pelo nosso esforço de sobreviver à dor”* (C8), *“enchente de 74”* (C9, C10, C11, C32), *“fúria”* (C10), *“medo”* (C10), *“ruiu sob pressão violenta”* (C12), *“ontem, impetuosas, serpenteavam rápidas,*

barulhentas e turbulentas como a ira de um pai" (C14), *"noite diluviana, longa, apavorante"* (C29).

A enchente é, sem dúvida, uma imagem pregnante no imaginário coletivo local. Moraes e Máximo (2016) e Máximo (2017) mostram que a narrativa da catástrofe de março de 1974 ainda é presente e símbolo de identificação e pertencimento desta comunidade que se caracteriza não só geograficamente, mas imaginada porque simbólica. Vale ressaltar que na obra analisada, ainda que estas marcas da enchente estejam presentes em algumas narrativas, como nos exemplos acima citados, não são sua principal força simbólica. Algumas, inclusive, utilizam a história trágica para mostrar questões como superação, reconstrução e solidariedade.

A poluição do rio, especialmente contrastada com as cenas do passado, foram imagens de alerta e desolação em muitas passagens, como as que podemos verificar: *"lamentando profundamente vê-lo tão poluído, tão descuidado"* (C3), *"estamos maltratando nosso rio"* (C6), *"belo e frágil"* (C6), *"servindo de esgoto"* (C12), *"agressões urbanas"* (C14), *"falso progresso"* (C16), *"maltratado"* (C17), *"poluem, depredam"* (C22), *"descaso"* (C23), *"Rio Tubarão sucumbe"* (C23), *"moribundo"* (C28), *"maior conscientização"* (C28), *"Rio a implorar por sobrevivência"* (C31), *"pesar diante da poluição"* (C33).

Este segundo rol de imagens de uma constelação negativa vem sempre ligado, na obra, a momentos de rememoração, ou seja, ao relembrar as cenas de um passado saudoso e compará-las com o atual cenário do Rio, há um posicionamento crítico e até angustiante, na perspectiva do imaginário, sobre a sua degradação. Aquele cenário só é possível enquanto memória, pois as águas não permitem mais o banho, a pesca e os esportes; a rotina não acolhe mais cenas das lavadeiras e passagens em pequenas embarcações. É o presente da obra literária que coloca em cena as imagens do passado, pela memória, do presente e do futuro, pela imaginação de possibilidades, devaneios e desejos.

As águas do rio continuam a passar...

O universo imaginário da obra, pela pregnância e recorrência das imagens, permite conhecer o imaginário de uma coletividade. Ou, mais do que isso, perceber que os mitos presentes nas narrativas literárias são aqueles do nosso cotidiano. As marcas encontradas página à página do livro demonstram que o universo imaginário da obra, como uma produção local que expressa o cotidiano, vem ao encontro do próprio imaginário da coletividade, contribuindo para a sua potência de identificação e coerência comunitária imaginal que permite o sentimento de pertencimento.

Sentimento esse que se manifesta pelas memórias dos autores e de quem as lê, como imagens partilhadas, formando uma paisagem do imaginário coletivo local. Como visto, as memórias são coletivas, interferem no processo de identidade e de pertencimento local e global de um povo. É através dela que os afetos surgem, criando laços sociais.

A memória afetiva contribui para entendermos como reagem as recordações presentes no imaginário de um rio. De um objeto simbólico para o município. As narrativas atuaram como testemunhos para evocar lembranças e atuam como “lugares” de revisitação, com o intuito de notificar um sentimento saudosista e reafirmando uma paisagem cultural no imaginário coletivo.

A emoção e os afetos só ocorrem por conta desta socialização das memórias e força simbólica do rio e suas imagens no imaginário coletivo local. Por isso, afirmamos que uma obra literária pode agir como elemento pulsante para a formação de lembranças afetivas para a composição de um imaginário local. Caso contrário, se não houvesse uma relação coletiva, não traria essas sensações. Desejamos nostalgia porque estamos emocionalmente pertencentes ao mundo, e os afetos estão ligados a nossas memórias, de forma movente e também cristalizadora. As recorrências mostram que os sentidos agenciados estão imbuídos, simbolicamente, de sentimentos partilhados.

Já na tese de doutoramento de Máximo (2017) fica clara uma matriz imaginal, em forma de uma comunidade imaginada em Tubarão, Santa Catarina, consubstanciando um campo simbólico em comum e ancorada na imagem do Rio. Conclui o autor (Máximo, 2017: 279) que é a “linguagem simbólica que permite, ainda hoje, identificar nas narrativas dos tubaronenses a presença de um imaginário, um *ethos*, que transcende a mera experiência física de uma comunidade”. Uma paisagem do imaginário coletivo que ganha o arquivo com um livro literário que apresenta imagens de memória, rememoração, identificação e pertencimento. Uma narrativa simbólica e potencialmente inacabada, feita de água corrente.

Lista das crônicas analisadas e editadas em: Mussi, A. B. I. (org.) (2015). *Rio Tubarão: no curso d’alma*. Unisul: Tubarão.

- C1 – Espíndola, M.F.S. *Águas da infância*.
- C2 – Herdt, S.S. *A vida no rio*.
- C3 – Corrêa, P.A. *O paleador de areia*.
- C4 – Máximo, W.C. *Imaginário de um rio e de seu viajante aprendiz*.
- C5 – May, G.O. *O Rio Tubarão: reminiscências*.
- C6 – Silva, I.S. *Como enxergar o rio que corta a cidade*.
- C7 – Teixeira, J.W. *O Rio Tubarão e a imigração italiana*.
- C8 – Garcia, V.M.S. *A lição do rio*.
- C9 – Sá, J.B. *Entrelaços: o rio, suas margens, suas histórias*.
- C10 – Wronki, P.V. *Rio Tubarão, o nosso rio*.
- C11 – Aguiar, G.Z. *Minhas alegres lembranças da enchente de 1974*.
- C12 – Medeiros, J.J. *Rio abençoado que não me trouxe, pois vim no trem, mas não me levou*.
- C13 – Felisbino, A. *Travessia*.
- C14 – Nunes, M.M. *Rio que te quero bem*.
- C15 – Dal-Bó, R. *Minha história com o Rio Tubarão*.

- C16 – Bittencourt, A.C. *Saudades do Rio Tubarão de minha infância.*
- C17 – Dal-Bó, M.J. *Uma conversa com o Rio Tubarão.*
- C18 – Felisbino, F. *O rio nas ruas de Tubarão.*
- C19 – Caporal, M. *Nas dobraduras do tempo.*
- C20 – Abeiro, J. *A correnteza levou.*
- C21 – Brognoli, M. *Triste realidade.*
- C22 – Bittencourt, A. *O rio, o velho e o garoto.*
- C23 – Kuerten, A.M. *Além de um rio...*
- C24 – Alves, M.F. *Os trampolins do Rio Tubarão.*
- C25 – Corrêa, J.W. *Rio milagreiro?*
- C26 – Pinter, C.A.Z. *Do Rio Laranjeiras ao Rio Tubarão.*
- C27 – Mota, C.E.M. *Travessia das margens.*
- C28 – Brasil, G.S. *Rio Tubarão: fonte de vida.*
- C29 – Medeiros, M.T. *Um final de semana inesquecível.*
- C30 – Mussi, A. *Depois da bonança.*
- C31 – Corrêa, G. *O sonho de Ulysses.*
- C32 – Lapolli, M. *As margens do rio – meus caminhos.*
- C33 – Lapolli, P.C.L. *O rio da minha infância.*
- C34 – Müller, J. *O incrível cenário para namorar a vida.*

Referências

- Cachinho, H. (2006). Consumactor: da condição do indivíduo na sociedade pós-moderna. *Finisterra*, Lisboa, XLI, 81, 33-56.
- Candido, A. (2008). *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul.
- Candido, A. (2011). *O direito à literatura*. In: Candido, A. *Vários escritos* (5.ed). Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul.
- Cassirer, E. (1994). *Ensaio sobre o Homem: introdução a uma filosofiada cultura humana*. São Paulo: Martins Fontes.
- Durand, G. (2012). *As estruturas antropológicas do imaginário* (4.ed). Trad. de Helder Godinho. São Paulo: Martins e Fontes.
- Durand, Y. (1988). *L'exploration de l'imaginaire*. Introduction à la modélisation des univers mythiques. Paris: L'espace bleu.
- Ferreira-Santos, M. e Almeida, R. (2012). *Aproximações ao imaginário: bússola de investigação poética*. São Paulo: Képos.
- Godinho, H. (2003). *Imaginário e Literatura*. En A.F. Araújo e F.P. Baptista (coord.), *Variações sobre o imaginário: domínios, teorizações e práticas hermenêuticas* (pp. 141-152). Lisboa: Instituto Piaget.

- Guarnieri, I. L. (2014). Imaginário: convergências filosóficas e literárias. En F. B. Alves, T. M. R. Schoreder e A. T. M. P. Barros (orgs.), *Diálogos com o Imaginário* (pp. 143-158). Curitiba: Editora CRV.
- Halbwachs, M. (2003). *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro.
- Huyssen, A. (2000). *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*. Rio de Janeiro: Aeroplano.
- Laplatine, F. e Trindade, L. (1987). *O que é o imaginário*. São Paulo: Brasiliense.
- Maffesoli, M. (1996). *No fundo das aparências* (2.ed.) Petrópolis: Vozes.
- Maffesoli, M. (2001). O imaginário é uma realidade. *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, (15), 74-82.
- Maffesoli, M. (2007). *O ritmo da vida: variações sobre o imaginário pós-moderno*. Rio de Janeiro: Record.
- Mardones, J. M. (2006). *A vida do símbolo: a dimensão simbólica da religião*. São Paulo: Paulinas.
- Máximo, W. C. (2017). *Tubarão e o imaginário de 1974: marcas simbólicas de um rio, vestígios de mitologias hídricas, a mitologização de uma catástrofe e os traços e os que identificam uma comunidade imaginada* (Tese. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem). Unisul, Tubarão.
- Mello, A.M. L. (2002). *Poesia e Imaginário*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Moraes, H. J. P.(2016). *Sob a perspectiva do imaginário: os mitos como categoria dos estudos da cultura e da mídia*. En G. B. Flores, N. R. M. Neckel e S. M. L. Gallo (orgs.), *Análise de Discurso em Rede: cultura e mídia* (pp. 137-152). Campinas: Pontes
- Moraes, H. J. P. e Máximo, W. C. (2016). Recorrências e convergências do imaginário: o dilúvio mítico como matriz imaginal de identidade local após uma enchente. *Cadernos de Comunicação*, Santa Maria, 20(3), 182-191.
- Mussi, A. B. I. (2015).(org). *Rio Tubarão: no curso d'alma*. Tubarão/SC: Editora Unisul.
- Nogueira, M. A. L. (1998). A cidade imaginada ou o imaginário da cidade. *História, Ciências, Saúde*, Manguinhos, Rio de Janeiro, 5(1), 115-123.
- Peres, L.M.V. (2014). *A imaginação material de Gaston Bachelard e os quatro elementos como ciclos da vida: um viés de análise através de um filme*. En F.B. Alves, T.M.R. Schoreder e A.T.M.P. Barros (orgs.), *Diálogos com o Imaginário* (pp. 13-27). Curitiba: CRV.
- Pitta, D. P. R. (2005). *Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand*. Rio de Janeiro: Atlântica.
- Pollak, M. (1992). Memória e Identidade Social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, 5(10), 200-2012.
- Scandiucci, G. e Freitas, L. V. (2015). *A psique no espaço: pertinência e imaginação de/no lugar*. En S. M. P. Ribeiro e A. F. Araújo. (org). *Paisagem, Imaginário e Narratividade* (pp. 45-53). São Paulo: Zagodoni.
- Silva, A. (2001). *Imaginários urbanos*. São Paulo, Bogotá: Perspectiva, Convênio Andes Bello.

- Silva, J. M. (2017). *Diferença e descobrimento. O que é o imaginário? (A hipótese do excedente de significação)*. Porto Alegre: Sulina.
- Souza, M. G. (2006). *Literatura oral e imaginário em perspectiva de expansão através do turismo cultural*. II Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura – ENECULT, UFBA, maio, Salvador BA.
- Sugimoto, F. T.; Sandeville Jr., E. e Queiroga, E. F. (2015). *A dimensão lúdica das paisagens partilhadas*. En S. M. P. Ribeiro e A. F. Araújo. Paisagem, Imaginário e Narratividade (pp. 226-239). São Paulo: Zagodoni.